

LÉON GONTRAN DAMAS E ANTHONY PHELPS: DA NEGRITUDE A CONTRA-NEGRITUDE

CHRISTOPHER RIVE ST VIL¹; URUGUAY CORTAZZO ²

¹Universidade Federal de Pelotas –christopherrivestvil@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – urudur@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em *Pigments et Névralgies* (1972), publicada em *Présence Africaine*, Léon Gontran Damas visa estabelecer o reconhecimento da população negra, representando as relações problemáticas entre o colonizado e o colonizador, tornando-se o porta-voz da negritude da comunidade negra, sobretudo da população antilhana e da Guiana Francesa. Tendo como tema principal a negritude, através de noventa e dois poemas curtos e longos, Damas provoca diversas reflexões sobre a descolonização e as reivindicações raciais.

Segundo Jacqueline Leiner (1981), *Pigments*, divulgado pela primeira vez em 1937 pelo editor Guy Lévi-Mano, foi o primeiro livro em que um escritor negro chama atenção sobre sua cor de pele. Além de *Cahier d'un retour au pays natal* de Aimé Césaire, essa coleta de poemas foi implicitamente o manifesto do movimento da negritude caribenha, contendo frustração-desenraizamento (LEINER, 1981, p. 9).

O poeta nos impõe a sua vontade de se manifestar contra os efeitos da colonização e de defender a negritude, pondo um fim ao período de imitação e assimilação metropolitana. A cultura afirmada no livro é tanto a cultura africana como a cultura guianense. Acerca dessa afirmação de si enquanto negro, torna-se imprescindível a reflexão do escritor e psiquiatra martinicano, Frantz Fanon (2002), pois ele afirma que o negro, que nunca foi tão negro desde que foi dominado pelo branco, “quando decide dar provas de cultura, de fazer obra de cultura, apercebe-se de que a história lhe impõe um terreno preciso, que a história lhe indica um caminho preciso e que ele deve manifestar uma cultura negra¹” (FANON, 2002, p. 202, tradução nossa)².

Se Damas busca manifestar uma cultura negra em *Pigments et Névralgies*, afirmando e reivindicando com paixão a sua negritude como identidade, solidariedade e fidelidade, voltando às raízes para abandonar a assimilação (MUNANGA, 2009, p. 52), no entanto, em *La Bélière Caraïbe* (1980), Anthony Phelps enfatiza uma disjunção ideológica e geográfica, repudiando a africanidade dos escritores do movimento da negritude. Enquanto negro do Novo Mundo, o poeta não se sente negro-africano da América, nem um negro genérico como afirma seus predecessores. África não é um referente para ele. Ele quer fugir das “matrizes africanas” da negritude.

Para Claude Souffrant (1985), Phelps nega a negritude por “essencializar” o negro e por ter vinculada com a tradição africana. Souffrant chama essa rejeição de *contre-négritude* (contra-negritude). Para o autor, a contra-negritude de Phelps se refere a refutação da africanidade emprestada, sistemático, sem fundamento herdado das anciãs e deve ser “ligada à situação diáspora que se tornou a do povo

¹ “[...] quand il décide de faire preuve de culture, de faire oeuvre de culture, s'aperçoit que l'histoire lui impose un terrain précis, que l'histoire lui indique une voie précise et qu'il lui faut manifester une culture nègre.”(FANON, 2002, p. 202)

² Todas as traduções feitas neste trabalho são nossas.

haitiano no momento em que o autor [...] entrava na cena literária”³ (SOUFFRANT, 1985, p. 82).

A contra-negritude não remete a uma negação absoluta da negritude, senão uma releitura que refunda e inicia uma negritude especificamente caribenha. Nesse sentido, tem implicitamente uma crítica do negro universal da negritude original e uma afirmação do negro diaspórico com uma história e uma cultura própria, diferente da experiência africana. Aparentemente aqui tem uma negação radical, mas é da negritude original, não da negritude haitiana.

Sendo assim, o propósito deste trabalho foi propor uma síntese da negritude e contra-negritude através das coletas de poemas de Léon Gontran Damas e de Anthony Phelps. Como também pretende-se analisar, problematizar e entender o sentido e a significação de alguns poemas. De um lado, Damas procura o desafio cultural do mundo negro e protestar contra a ordem colonial (MUNANGA, 2009, p. 52), a fim de afirmar a sua identidade negra que é a negritude. Por outro lado, Phelps propõe que se questionem a negritude, a ambiguidade cultural das raízes caribenhas e a diáspora haitiana.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido ao longo dos encontros virtuais do projeto “Ideias raciais, cultura e literatura na América Latina” na Universidade Federal de Pelotas. Para a realização do trabalho, a pesquisa segue uma metodologia baseada numa análise literária, voltando-se necessariamente ao que Antonio Candido (1965) chama de sociologia da literatura procurando relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com as condições sociais (p. 10).

Depois da leitura das coletas de poemas, *Pigments* et *Névralgies* e *La Bélière Caraïbe*, selecionamos vários poemas para discutir com ênfase à negritude e à contra-negritude. Para embasar a nossa reflexão, utilizamos *Négritude Caraïbe* *Négritude Africaine* (1981) de Jacqueline Leiner e *Une contre-négritude caraïbe : Littérature et pratique migratoire à travers la poésie d'Anthony Phelps* (1985) de Claude Souffrant.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “Hoquet”, Damas aborda a sua infância num tom de raiva e mostra como os valores culturais e espirituais do colonizador transitaram essa época. Através de detalhes concretos da vida cotidiana, ele mergulha o leitor em sua infância e faz com que ele compartilhe seu ressentimento. Como um soluço, a trágica infância vem em sua mente. Os valores que a mãe quer que o sujeito-poético assuma não correspondem aos da voz-lírica, como pode constatar na estrofe que transcrevemos:

“Ma mère voulant d'un fils très bonnes manières à table
Les mains sur la table
le pain ne se coupe pas
le pain se rompt
le pain ne se gaspille pas
le pain de Dieu
le pain de la sueur du front de votre Père
le pain du pain” (DAMAS, 1972, p.35)

³ “[...] est à mettre en relation avec la situation diasporique qui est devenue celle du peuple haïtien à l'époque même où l'auteur de *La Bélière Caraïbe* entrait sur la scène littéraire” (SOUFFRANT, 1985, p. 82)

É importante salientar que o próprio poeta vivenciou essa situação, vindo da Guiana Francesa, sua família queria que ele imitasse uma cultura que não era a sua. Posto isto, o sujeito-poético deve obedecer sua mãe, assimilando à cultura que ela o impõe. Para ele, essa assimilação é um desastre total, pois acaba tendo corpo e mente colonizados, ou seja, o passado escravista continua a transitar nos corpos colonizados devido às aculturações.

Sendo assim, tudo o que sua mãe expressa é um regulamento, uma repreensão ou uma estipulação para ele. Ele deve ser sociável, ter boas maneiras, aprender suas lições de história e violino. Ao longo das estrofes, o sujeito-poético é dividido entre a música clássica e a música negra, sem o poder de escolha. Nesse sentido, ao fazer referência ao movimento da negritude, Fanon aponta que “provavelmente aqui está a origem dos esforços dos negros contemporâneos em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência de uma civilização negra” (FANON, 2008, p. 46).

Diante da civilização europeia, em “Le Vent”, Damas precisa atravessar o continente para se redescobrir. Ao se acordar no navio negreiro, na noite escura do oceano, o sujeito-poético teve uma perda de memória, não fez mais sentido a história que o vento o contava sobre a noite escura: “Sur l’océan / nuit noire / je me suis réveillé / épris / sans jamais rien saisir / de tout ce que racontait le vent / sur l’océan / nuit noire” (DAMAS, 1972, p. 29). Já em “Blanchi”, Damas reivindica a sua negritude. Ao se identificar com a África, o poeta afirma sua identidade negra e rejeita a cultura branca à qual pertencia:

“Se peut-il donc qu’ils osent
me traiter de blanchi
alors que tout en moi
aspire à n’être que nègre
autant que mon Afrique
qu’ils ont cambriolée” (DAMAS, 1972, p. 59)

Ao parafrasear Césaire, Jacqueline Leiner (1981, p. 11), argumenta que essa negritude concerne “a consciência de ser negro, simples reconhecimento de um fato que implica aceitação, tomada a cargo do seu destino negro, da sua história, da sua cultura”⁴.

No entanto, em “Désaltéré mon poème sous le pin parasol”, Phelps nos leva a sua necessidade fisiológica: a negação das “matrizes africanas”, excluindo qualquer identificação com a África e a Europa:

“Désaltéré mon poème sous le pin parasol
Je ne me ressens point fils de l’Afrique
Encore moins de l’Europe cartésienne
Et je n’ai point mémoire de fond de cale ni
souvenance de
galions conquérants” (PHELPS, 1980, p. 87)

No momento em que o sujeito-poético confirma que ele não se sente filho da África, faz-nos lembrar as declarações do próprio poeta em seu artigo intitulado “Littérature negro-africaine d’amérique : mythe ou réalité” (1983). Nesse artigo, após ter participado em um congresso mundial de escritores de língua francesa em Pádua, onde ele foi convidado como escritor negro-africano para apresentar uma comunicação sobre a literatura negro-africana nas Antilhas, e não somente escritor, Phelps assevera que

“Eu, negro da América, não sou um escritor negro-americano. Não sou um escritor afro-americano. Não existe literatura negro-africana na América.

⁴ “[...] la conscience d’être noir, simple reconnaissance d’un fait qui implique acceptation, prise en charge de son destin noir, de son histoire, de sa culture [...]” (LEINER, 1981, p. 11).

Não existe literatura negro-americana. Nós negros do Novo Mundo, não somos africanos exilados na América. Não é aceitável, portanto, que sejamos escritores vestidos de prefixo” (PHELPS, 1983, apud, ST VIL; CORTAZZO, 2021, p. 43-44).

Segundo Souffrant (1985), em Phelps, o afastamento da África é concebido como uma aproximação do Caribe. Contata-se essa aproximação em “Lieu de ma Caraïbe”: “Lieu de ma Caraïbe / défaillance de toute prophétie / Non point le règne de cannibales / mais tendresse d’hommes et de femmes / en lumineuses moissons” (PHELPS, 1980, p. 91).

Sendo assim, essa poesia de contra-negritude revela essa disjunção entre a identidade construída a partir dos valores culturais da África e a identidade caribenha. Trata-se no fundo de uma neo-negritude que surge como reação negativa (desafricanização) para alcançar uma nova positividade (antilhanismo).

4. CONCLUSÕES

Através da análise dos poemas de *Pigments et Névralgies* e *La Bélière Caraïbe*, foi possível constatar que tanto a negritude de Damas como a contra-negritude de Phelps visam transcender uma ressurreição do negro através de uma estética de ruptura e de conciliação, suscitando reflexões sobre as questões raciais ao longo das décadas.

Além disso, percebe-se que Damas afirma sua negritude colocando em cena um negro oprimido e vítima da história, e consegue nos fazer compartilhar seu ressentimento contra o sistema colonial e opressor que se esforçava para negar a identidade do povo negro, sua cultura e seu modo de vida. E Phelps responde a uma pós-africanidade, no sentido em que ele declara que não tem nada a ver com a África. Ele quer fugir e superar as “matrizes africanas” da negritude.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1965.
- DAMAS, L. G. **Pigments et Névralgies**. Paris: Présence Africaine, 1972.
- FANON, Frantz. **Les damnés de la terre**. Paris: La Découverte & Syros, 2002.
- _____. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- ST VIL, C. R.; CORTAZZO, U. G. De negro caribenho a homem do novo mundo: o percurso identitário de Dany Laferrière. **Itinerários**, Araraquara, n. 52, p. 33-48, jan./jun. 2021.
- LEINER, J. **Négritude Caraïbe Négritude Africaine**. Rio de Janeiro: Elos, n° 3, 1981, p. 5-23.
- MUNANGA, K. **Negritude usos e sentidos**. Belo Horizonte: Editora Ática, 2009.
- PHELPS, A. **La Bélière Caraïbe**. Habana: Casa de las Américas, 1980.
- SOUFFRANT, C. Une contre-négritude caraïbe : Littérature et pratique migratoire à travers la poésie d'Anthony Phelps. **Présence Africaine**, n° 135, 1985, p. 71-95.